



CERÂMICA ARTESANAL NO ALTO VALE DO RIBEIRA (SP)

G. Cuchierato; J.F.M. Motta; L.C. Tanno; M. Cabral Jr.; N. de M. Rodrigues; A. A. Saldanha Jr.

Av. Prof. Almeida Prado, 532 – Cidade Universitária – São Paulo – SP – CEP: 05508-901
/ E-mail: glaucia@ipt.br

Agrupamento de Geologia aplicada a Recursos Minerais, Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT)

RESUMO

Este resumo apresenta os resultados do projeto¹ que o IPT desenvolveu em 2004, financiado pela Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo - SCTDET e Prefeitura Municipal de Apiaí. Nas últimas décadas, a cerâmica artesanal do Alto Vale do Ribeira (Apiaí, Itaoca, Barra do Chapéu e Bom Sucesso de Itararé) foi resgatada e preservada com grande esforço pelo poder público local, contando com apoio esporádico de instituições governamentais e empresas privadas. Constitui-se, praticamente, no único artesanato de valor tradicional no Estado de São Paulo, destacando-se peças utilitárias, decorativas, figuras zoomórficas e antropomórficas, santos, esculturas e bijuterias, com uma variedade de motivos de diferentes portes e acabamentos. A produção artística em cerâmica é feita em 10 núcleos, por 93 artesãos com dedicação parcial ou integral. O processo produtivo é bastante rudimentar, consistindo em etapas de preparação do barro, conformação da peça, acabamento e queima.

Palavras-chave: Arte cerâmica, artesãos, história, Vale do Ribeira.

1. INTRODUÇÃO

A porção paulista do Alto Vale do Ribeira localiza-se no sul do Estado de São Paulo, a cerca de 320 km da capital, conforme ilustrado na Figura 1. A região de interesse é formada pelos municípios de Apiaí, Itaoca e Barra do Chapéu (ex-distritos de Apiaí) e Bom Sucesso de Itararé (ex-distrito de Itararé), constituindo o universo de municípios que

preserva a tradição da arte cerâmica na região, concentrada principalmente em bairros rurais.

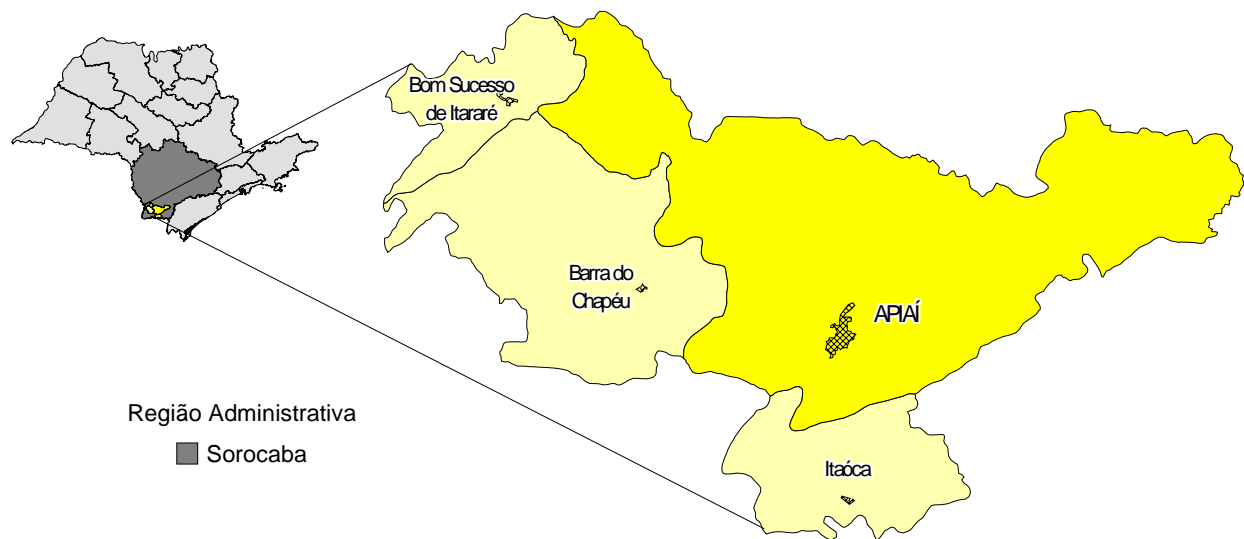


Figura 1 – Localização dos municípios do projeto no Estado de São Paulo

Para discutir a arte cerâmica no Alto Vale do Ribeira (SP), é necessário introduzir alguns conceitos, definidos a seguir.

Diz-se que o *Artesanato regional* é a expressão da cultura, hábitos e costumes de um povo pela produção de bens que visam atender às necessidades do cotidiano, com objetos decorativos, utilitários, místicos, autóctones de uma comunidade, cuja característica marcante é a criatividade e a habilidade do artesão. Difere de *Arte Popular*, entendida como expressão artística popular, criada como peça única, decorativa, figurativa ou não, sem compromisso da repetição, de alto valor agregado, destinado a um consumo de elite. Deve-se distinguir do conceito de *Trabalho Manual*, entendido como ocupação secundária, para complementação de renda, sem qualquer referencia cultural explícita.

Quando se refere ao *artesanato cerâmico ou cerâmica artesanal* podemos afirmar que ele é inerente ao ser humano desde os primórdios da civilização e nenhum povo pode ser considerado seu criador, pois surgiu em todos os continentes paralelamente, não só como ornamento do seu cotidiano como ligado às necessidades da sua alimentação.

Chiti (1990)² comenta que a cerâmica é a mais antiga das artes plásticas e que o homem deve tê-la inventado há cerca de 15.000 anos, primeiro crua, e queimada cerca de 6 milênios depois. No Brasil, até recentemente a data da cerâmica mais antiga era



cerca de 4.000 anos a.C. Entretanto, pesquisas recentes evidenciaram no Baixo Amazonas fragmentos cerâmicos datados de 7.000 anos. As técnicas artesanais no Brasil, a partir do período colonial e ao longo dos séculos, resultaram das mesclas das culturas de diversos povos: índios, negros, padres jesuítas, colonizadores europeus, especialmente os portugueses, e, em épocas mais recentes, os imigrantes italianos, alemães, japoneses e muitos outros povos que escolheram aqui permanecer.

Segundo Chiti (*op.cit.*), do ponto de vista sociológico, a cerâmica pode ser distinguida entre artesanal, artística e industrial. Uma obra pode ser considerada **artística** quando está subordinada a um momento estético, existindo expressão e conteúdo, e sendo uma solução elaborada, consciente e criativa para o problema que origina a obra por seu criador, sendo a obra de arte peça única. Na **indústria**, assim que o criador soluciona um problema, a solução é reproduzida mecanicamente muitas vezes, em produção seriada, sendo o oposto da arte. A **cerâmica artesanal** situa-se no meio termo entre a arte e a indústria, pois se aplica a mesma solução para um determinado número de peças, sendo a produção essencialmente manual. Apesar de uma peça nunca ser exatamente igual a outra, uma vez que o método de trabalho é manual, ainda assim o tipo de solução que se aplica aos problemas observados se resolvem do mesmo modo, ou com pequenas variantes. Do ponto de vista antropológico, o autor classifica a cerâmica como antropológica, etnográfica ou folclórica, nesta última enquadrando-se a cerâmica de Apiaí, por compreender a produção proveniente de meios rurais, mais ou menos aculturados por influências citadinas, encontrando-se pouca originalidade. A herança indígena das peças cerâmicas se dá, essencialmente, pelo caráter funcional, não supérfluo, com finalidades de uso doméstico, social ou cultural; popular, praticado por todos, sem mestres nem artistas; público, nacional, arraigado em sua própria história, tradição e meio; livre; tradicional, personalizante e não individualista.

No Brasil, a Cerâmica Artesanal é segmentada pela Associação Brasileira de Cerâmica³ em:

- ✓ Cerâmica indígena;
- ✓ Cerâmica popular, que tem influências das cerâmicas indígena, africana e européia;
- ✓ Cerâmica contemporânea, que corresponde à cerâmica artística atual, ligada a várias influências e tecnologias modernas.



De acordo com o critério mencionado, as peças do Alto Ribeira enquadram-se na Cerâmica Artesanal Popular. A longevidade da Cerâmica de Apiaí e região é comprovada por fragmentos de urna funerária, encontrados em cemitério indígena, em propriedade rural entre as, então localidades, Itaoca e Pavão, sinais evidentes da existência de perfeitos sambaquis. Outras descobertas que dão certeza da presença de indígenas anteriormente na região, são os achados próximos a rios e à beira de estradas de potes, velhas igaçabas, contendo varias peças de artesanato junto a ossadas humanas e instrumentos para a caça e para a alimentação.

CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE CERÂMICA ARTESANAL EM APIAÍ

Existem relatos de achados de peças cerâmicas antigas, sugerindo a primeira elaboração das mesmas por índios habitantes da região. A partir de dados e entrevistas levantados em trabalho de campo, e da literatura^{4,5,6,7,8,9}, conseguiu-se chegar a nome de artesãos há cerca de 150 anos atrás, e resgatar a origem dos artesãos atuais.

Conforme relatado em Ceravolo⁷, o artesanato em cerâmica é antigo na região, mas alcançou a maior projeção a partir de 1965, com incentivos da administração municipal da época e das que se seguiram. Às mulheres cabia o papel central da produção, tendo praticamente exclusividade em duas tarefas essenciais: “tecer” as peças e escolher o “barro” no barreiro. Aos homens, a contribuição era geralmente nos trabalhos mais pesados, tais como o fornecimento do barro, da lenha, ajuda na queima e no polimento das peças.

Atualmente, este quadro foi parcialmente alterado. Existem homens “tecendo” belas peças cerâmicas; intermediários que colhem o barro e posteriormente o vendem, bem como fornecem a lenha necessária à queima; ajudantes que preparam a massa e monitoram a queima, remunerados apenas para esta função; dentre outros novos atores do processo produtivo. As peças cerâmicas tradicionais do Alto Ribeira ou Cerâmica de Apiaí apresentam características bastante rústicas e peculiares e constitui-se no principal, senão único, artesanato de valor tradicional no Estado de São Paulo. Mais recentemente, o artesanato vem incorporando também peças utilitárias e decorativas mais contemporâneas à cerâmica de valor tradicional, mas mantendo os valores dessas últimas e valorizando-as.

Destacam-se atualmente dois tipos de artesãos:

- ✓ Aquele cujo aprendizado foi herança de alguma artesã antiga, mantendo as linhas da cultura tradicional;



- ✓ Aquele cujo aprendizado foi geralmente por aulas de cerâmica, adequando-se às tendências atuais de demanda por produtos.

LEVANTAMENTO DOS NÚCLEOS DE ARTESÃOS

Atualmente, a produção artística em cerâmica é realizada na região em 10 bairros / núcleos, conforme pode ser observado na Figura 2, por 93 artesãos cadastrados, que se dedicam, parcial a integralmente, a esta atividade, com a seguinte distribuição:

- ✓ Área Urbana (Apiaí) – 15 artesãos.
- ✓ Bairro Pinheiros (Apiaí) – 5 artesãos
- ✓ Núcleo do Bairro Palmital (Apiaí) – 9 artesãos
- ✓ Bairro Bom Retiro (Apiaí) – 6 artesãos
- ✓ Bairro Encapoeirado (Apiaí) – 10 artesãos
- ✓ Cooperativa Custódia de Jesus da Cruz (Apiaí) – 21 mulheres
- ✓ Bairro Lageado (Apiaí) – 2 artesãos
- ✓ Bairro Ponte Alta (Barra do Chapéu) – 12 artesãos
- ✓ Núcleo do Bairro Serrinha (Bom Sucesso de Itararé) – 9 artesãos
- ✓ Bairro Pavão (Itaoca) – 2 artesãos
- ✓ Bairro Rio Claro (Itaoca) – 2 artesãos

Este número foi obtido após a realização de visitas a todos os bairros rurais, consulta aos cadastros da Casa do Artesão de Apiaí, entrevistas com representantes locais e levantamento direto com os artesãos. Contudo, ressalta-se que o número total de artesãos vem sendo ampliado constantemente devido à aplicação de cursos nas comunidades rurais e na cidade de Apiaí. Sazonalmente, a atividade dos artesãos pode diminuir, uma vez que eles não se dedicam exclusivamente ao artesanato cerâmico, especialmente quando as lavouras exigem cuidados (plantio / colheita).

Alguns dos artesãos trabalham no mesmo local, com divisão dos trabalhos nas tarefas de coleta e preparação do barro e na queima, e foram denominados por este projeto de núcleos de artesãos. Em outros casos, mesmo situando-se proximamente, trabalham de forma individualizada, sendo que alguns ainda operam em coletividade apenas em poucas tarefas, como no caso da queima.

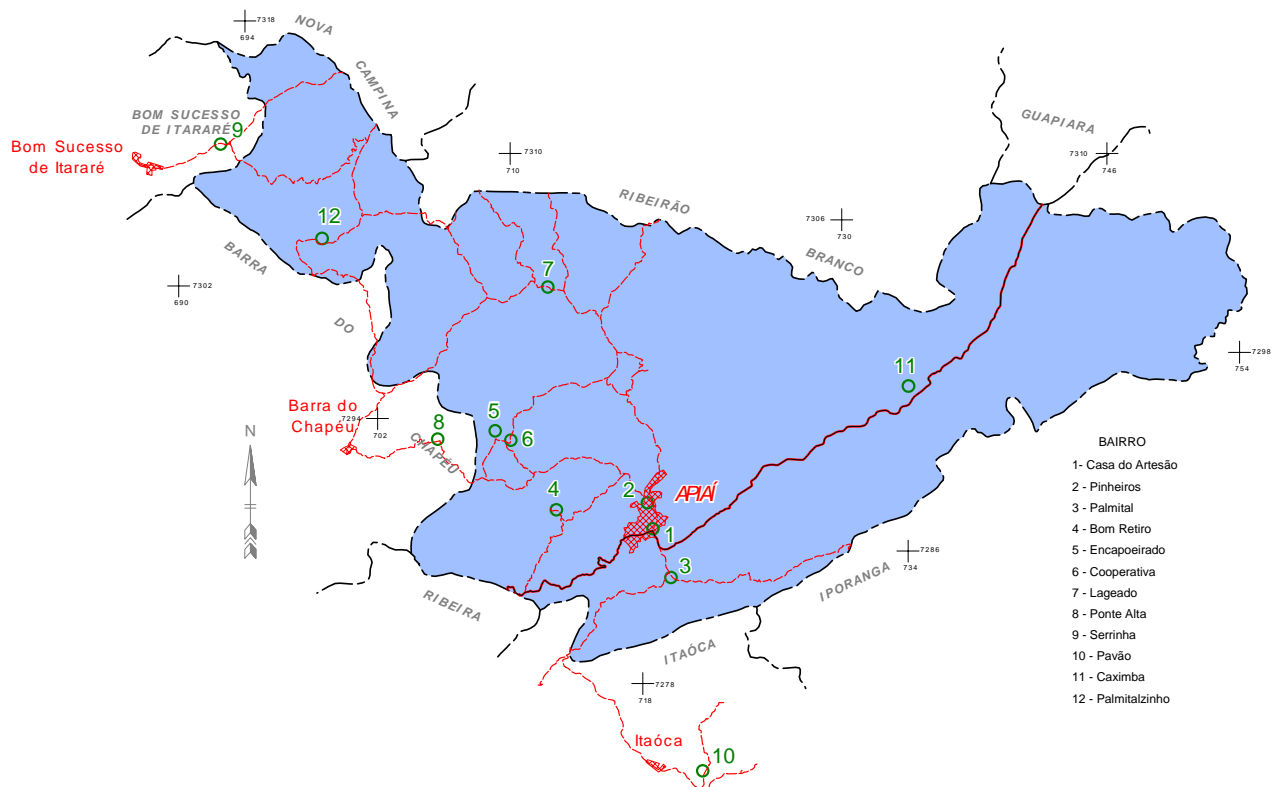


Figura 2 – Localização dos Núcleos e Bairros de Artesãos

A arte cerâmica de Apiaí e região compreende a produção de peças utilitárias (panelas, jarros, vasos, gamelas, potes, travessas, etc.), peças decorativas, figuras antropomórficas e zoomórficas, santos, esculturas e bijuterias, com uma variedade de motivos de diferentes portes e acabamentos.

PROCESSO PRODUTIVO DO ARTESANATO CERÂMICO

Existem diversos conceitos quanto à definição de cerâmica e os seus produtos, de acordo com faixas de temperatura de queima. Para Chiti (1990), a cerâmica é “a arte de fabricar objetos artísticos, utilitários ou mistos, utilizando argila como matéria-prima, que depois de modelada deve ser queimada, a temperatura adequada, a fim de que os objetos adquiram suas características definitivas, estéticas, de cor e resistência”.

De modo geral, conforme o tipo de argila utilizada para fabricar as peças e a temperatura de queima, as cerâmicas podem ser classificadas por quatro tipos principais:

- ✓ **Terracota** – mais simples e queimadas a baixas temperaturas, até 1.050°C, geralmente de argilas de queima vermelha, e massas porosas;
- ✓ **Louça (faiança)** – são feitas com argilas brancas de melhor qualidade e queimadas a temperaturas na ordem de 1.080 a 1.150°C, e massas porosas;



- ✓ **Grês e Porcelana** – são queimadas de 1.200 a 1.300°C ou mais, e são peças compactas e impermeáveis, sendo a porcelana, além disso, translúcida, consideradas técnicas superiores, tanto em questões estéticas quanto técnicas.

A produção de Apiaí é toda feita em terracota, a partir de argilas de queima vermelha, a temperaturas baixas.

PREPARAÇÃO DO BARRO

O sistema produtivo é bastante similar nas diversas comunidades, mas apresenta pequenas diferenças na preparação da argila. Em geral, o “barro” é retirado do solo por enxadas e outras ferramentas, armazenado em sacos, colocado para secar ao ar livre, destorroado e pulverizado com auxílio de mão-de-pilão, peneirado, para depois ser feita a massa plástica por adição de água, por amassamento com os pés. Nesta etapa, quando há necessidade, pode haver mistura com outras matérias-primas, para acertar a “liga”, com adição de areias finas ou outros materiais empiricamente utilizados. A seguir, quando adquire a consistência ideal para trabalhar, a massa é repousada por alguns dias ou mais (varia de artesão para artesão). A massa deve ser envolta em plástico, ou outro material impermeável, para manter a umidade ideal. Posteriormente, segue para conformação, secagem e queima.

Em geral, os artesãos esperam a massa “descansar” poucos dias, enquanto que apenas uma artesã espera cerca de três meses para “lidar” com o barro.

CONFORMAÇÃO DA PEÇA

O processo de conformação na região é feito pela modelagem manual de peças. De uma maneira bem simplificada, a massa é modelada manualmente, com auxílio de ferramentas rudimentares de acabamento, e segue para secagem, e finalização por polimento. Após secagem e formação de lote (“fornada”), efetua-se a queima em fornos de barranco (não-inclinados), com a duração de um período diurno.

Para a modelagem das peças, os artesãos de Apiaí usam, basicamente, três métodos: direto, de roletes e de placas. O **método direto** consiste na manufatura de peças diretamente na palma das mãos, modelando com os dedos polegar e indicador. Geralmente, com este método, são elaboradas peças pequenas, chamadas localmente de miudezas. O método mais empregado na região de Apiaí é o **método de roletes**, típico método indígena, que consiste em fazer roletes de igual diâmetro e tamanho, e



circundar uma base, e enrolá-la de forma espiral para levantar as paredes da peça, alisando-as por dentro e por fora com o auxílio de uma ferramenta qualquer. O **método de placas**, utilizado, geralmente, para a confecção de travessas, baseia-se na conformação da massa pelo auxílio de um rolo, que achata a massa com a mesma espessura, limitando a altura por duas tiras de madeira.

Os artesãos utilizam diversos tipos de ferramentas, geralmente improvisadas de objetos cotidianos, tais como gravetos, tampas de caneta, sabugo de milho, palitos, pedras, etc.

O acabamento das peças é feito geralmente no dia posterior à modelagem das mesmas, quando a massa já perdeu um pouco da umidade e permite que se trabalhe no polimento e decoração. Com uma esponja umedecida é possível arrumar alguma imperfeição observada do processo de conformação.

Parte-se então para o polimento, ou brunido, que é feito do lado interno e externo da peça com um seixo bem arredondado, com a massa bem mais seca, para conferir à peça um aspecto uniforme e bastante natural. Quando bem feito, o polimento contribui, inclusive, para a impermeabilização da peça. Alguns artesãos costumam aplicar textura em algumas peças, para efeitos decorativos, geralmente feitas com gravetos e outras ferramentas rudimentares.

Para decoração, é comum em alguns núcleos ceramistas a utilização e aplicação de material argiloso de cor contrastante com a peça, geralmente avermelhada, na função de engobe decorativo.

A secagem das peças se dá, principalmente, em três etapas. A primeira etapa dura cerca de 12 horas, quando a peça encolhe de 5 a 7 % e perde a água contida entre as partículas de argila, perdendo, gradativamente, sua plasticidade. Na segunda etapa, a peça perde a água dos poros e capilares por contração, e encolhe ao seu tamanho máximo, que dura 2 dias e meio. A terceira e última etapa de secagem dura mais uns 4 dias, sem contração da peça, apenas perdendo água da porosidade. O segredo da boa secagem é a peça ficar em ambiente separado, com boa ventilação, de maneira uniforme e lenta.

Defeitos da conformação e secagem

A maior parte dos defeitos observados nas peças tem duas origens: inadequada preparação da massa e problemas na secagem. Dentre estes, observa-se principalmente a gretação e a deformação. As causas podem ser variadas. Quando a massa está mal



misturada, e a umidade distribuída de forma aleatória, a contração da peça durante a secagem não será uniforme, e a peça, fatalmente, deformará ou gretará. Outro fator que contribui para os problemas da conformação é deixar a peça secando sobre uma base impermeável e lisa, como mármore, vidro ou madeira, que aderem à peça, e por não poder contrair, provocará rachaduras (gretas).

QUEIMA

Quando se queima até 1.000°C designa-se queima de baixa temperatura, que é o caso de Apiaí e região. São encontrados dois tipos principais de fornos: os construídos nos barrancos e os circulares, feitos com tijolos e revestidos com barro. Em um dos fornos, observou-se a montagem em concreto.

No forno de barranco, as peças cruas são apoiadas diretamente sobre o solo, onde se fazem buracos (olheiros), pelos quais sobe o fogo e a fumaça. Nos fornos circulares, as peças são apoiadas sobre estruturas de ferro (grelha), que podem, ao longo do tempo, se deformar com o calor constante a que são submetidos. Sobre as peças cruas são colocados cacos cerâmicos, para concentrar o calor, fechando-se (o vedamento não é total) a boca superior do forno com telhas e outros materiais.

O processo de queima dura, geralmente, 3 a 8 horas. A lenha é colocada na boca inferior do forno, primeiro lenha bem seca, em fogo baixo, para secar completamente as peças, por cerca de 2 horas. Pouco a pouco adiciona-se mais lenha, até atingir o fogo alto, que pode durar 6 horas. Quando as peças estão incandescentes, retira-se toda a lenha da boca do forno e deixa-se esfriar naturalmente, fazendo a abertura do forno apenas na manhã seguinte.

A lenha utilizada na região de Apiaí tem, principalmente, duas origens: retirada da mata pessoalmente pelo artesão, ou comprada de um intermediário - madeira de reflorestamento (eucalipto).

Defeitos da queima

Alguns dos defeitos que ocorrem nas peças cerâmicas, que são revelados durante o processo de queima, podem ter sua origem em todo o processo de produção, desde a seleção de matérias-primas, preparação, conformação, secagem das peças e queima. Dentre os problemas que ocorrem nesta etapa, observam-se, principalmente: inchamento / crateras; coração negro; bolhas; gretamento; perda de brilho superficial; trinca de



choque térmico; explosão; fraturas; deplacagem; deformação; *pin holing* (furo de agulha); escorrimento; *crowling* (acúmulo de esmalte).

Na cerâmica de Apiaí foram observados os seguintes defeitos: explosão da peça no forno; quebra de peças, especialmente painéis, quando da utilização no fogo; trincas; peças “piriricadas”; baixa resistência mecânica devido à baixa sinterização, dentre outros. As causas destes defeitos não foram totalmente diagnosticadas e sistematizadas e demandam continuidade nos estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região do Alto Vale do Ribeira, especialmente àquela dos municípios Apiaí, Itaoca, Barra do Chapéu e Bom Sucesso de Itararé, é uma das mais pobres do Estado de São Paulo, e apresenta aspectos socioeconômicos bastante característicos, com baixa taxa de urbanização, elevada taxa de analfabetismo, baixo desenvolvimento econômico e social, além de baixa ocupação de mão-de-obra, sendo que apenas 8,6 % da população destes municípios possuem empregos formais.

Estas características têm provocado o êxodo para centros urbanos fora do Vale do Ribeira. Neste contexto, a população menos alfabetizada é a que mais sofre para a readaptação, e busca saídas na agricultura familiar e/ou empregada na agricultura intensiva, mais especificamente no plantio de tomate e outras horti-fruticulturas. Entretanto, no caso da agricultura, a região também vem perdendo espaço para outras regiões, onde predominam áreas mais planas, que possibilitam uma forte mecanização e maior escala de produção agrícola.

Desta forma, a expectativa dos governos locais, sobretudo da Prefeitura de Apiaí, bem como das comunidades, é de buscar alternativas em base sustentáveis para o desenvolvimento socioeconômico. Uma das possibilidades de dinamização da economia local e conseqüente melhoria da qualidade de vida de parte de sua população poderá se dar a partir do desenvolvimento de uma importante vocação regional, que é a produção do artesanato cerâmico. Observa-se que esta atividade já vem desempenhando um papel relevante na região, propiciando muitos benefícios, tais como: complementação de renda (já se tornando a renda principal em alguns casos); fixação do homem no campo; agregação familiar; e ligação e fortalecimento da cultura local; dentre outros fatores.

A comercialização atual das peças cerâmicas de Apiaí e região é feita na venda direta na Casa do Artesão, em Apiaí, e em feiras de artesanato. Além disso, existe um



pequeno escoamento da produção com a venda pelos próprios artesãos para visitantes e outros compradores, quando da visita aos ateliês locais de produção (paióis).

Durante o desenvolvimento deste projeto verificou-se que existem alguns “gargalos” impedindo o aumento do mercado desses produtos, como, por exemplo, a fragilidade das peças, especialmente as utilitárias, decorrente de um ou mais problemas durante o processo produtivo (escolha das argilas, preparação do barro, conformação das peças, secagem e, sobretudo, queima). Esta fragilidade é um fator complicante quando as peças são transportadas, seja do artesão à Casa do Artesão, ou até o consumidor final. Atualmente, a embalagem das peças é feita em caixas de papelão, com amortecimento contra impacto por jornal amassado e plástico.

A produção cerâmica somente poderia ser ampliada, se conseguisse implementar a melhoria técnica das peças, conseguida pela disponibilização de melhores massas e resolução de problemas decorrentes do processo produtivo, contempladas (em parte) neste projeto. Outro ponto fundamental para a melhoria das peças é a adequação dos fornos, para garantir a otimização do combustível utilizado (lenha), e atingir o ponto de sinterização das peças cerâmicas, conferindo-lhes maior resistência mecânica.

O desenvolvimento de embalagens para a redução de quebras das peças, tanto no transporte das mesmas para as feiras, quanto no transporte pelo comprador e o desenvolvimento de uma identidade visual do artesanato cerâmico de Apiaí, estão sendo contemplados no “*Concurso Identidade Visual e Embalagens para Produtos Artesanais em Apiaí e seus arredores – Cerâmica*”, promovido pelo Centro São Paulo Design e o IPT, e Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado, Centro Universitário Belas Artes e Faculdades Oswaldo Cruz/Faiter.

Para que o artesanato cerâmico passe a integrar um mercado empresarial moderno deve ser preparado não só com conhecimentos e melhorias técnicas nos seus processos produtivos, mas também ter acesso a cursos de gestão e qualidade para atingir a meta do seu desenvolvimento sustentável.

A cerâmica artesanal demanda ainda pequenas quantidades de matérias-primas, mas a sua expansão pode provocar problemas ambientais de maiores proporções, se não planejada. Do ponto de vista da qualidade técnica, algumas argilas mostraram-se mais promissoras à melhoria da qualidade cerâmica, indicando argilas deste tipo como prioritárias para a composição da massa, concomitantemente à melhoria dos fornos.

**POTTERY IN ALTO VALE DO RIBEIRA (SP- BRAZIL)**

ABSTRACT

This paper deals with the evaluation of pottery activities in the Alto Vale do Ribeira region, involving the municipalities of Apiaí, Itaoca, Barra do Chapéu and Bom Sucesso do Itararé. In the region, pottery plays an important role for rural and urban people because it represents an unique popular expression and gives them an additional earning of money. This activity involves around one hundred people spreading over ten rural and urban communities producing terracotta ceramics varying from utilitary pieces, such as pans and containers; decorative terracota, such as zoomorphic and anthropomorphic figures, religious pieces, contemporary sculptures; and ornamental personal pieces (necklaces, earrings). This study evaluated also the rudimentary production system, from clay extraction up to burning procedures and market strategies. Also, is pointed out considerations for design of pieces and market.

Key-words: pottery, ceramic artcraft, Apiaí, Vale do Ribeira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (2004) Subsídios Tecnológicos ao Aprimoramento da Cerâmica Artística no Município de Apiaí, Vale do Ribeira (SP). Relatório Técnico 72 723-205, São Paulo, 2004.
- ² Chiti, J. F. Curso práctico de cerâmica: artística y artesanal.Tomo 1. 1990. Ediciones Condorhuasi, Buenos Aires. 1990. 285p.
- ³ ABC – Associação Brasileira de Cerâmica. 2004. Cerâmica no Brasil - Panoramas Setoriais - Cerâmica Artesanal. Disponível em http://www.abceram.org.br/asp/abc_261.asp. Acesso em 15 set 2004.
- ⁴ Mancebo, O. (2001). *Apiaí: do sertão à Civilização*. História regional – Apiaí no Alto Ribeira e arredores. Omega Editora, São Paulo, SP. 277p.
- ⁵ Nascimento, H. 1974. Cerâmica Folclórica de Apiaí. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 186. Jan-dez., p.45-121
- ⁶ Cedran, L. 1979. *Cerâmica de Apiaí*. São Paulo, Paço das Artes. Catálogo de Exposição.
- ⁷ Ceravolo, M.V.N; Amarante Jr., A.; Correa, W.L.P. 1982. Aspectos Gerais sobre a cerâmica de Apiaí e levantamento preliminar das argilas utilizadas como matérias-primas. *Revista Cerâmica*, 28 (155), Novembro 1982, p.429-437.
- ⁸ Ceravolo, M.V.N. 1988. Cerâmica de Apiaí: momentos de uma pesquisa em arte popular. *Revista Cerâmica*. 34 (217), Fevereiro 1988, p. 14A –22A.
- ⁹ Luz, R. C. 1996. *Santo Antonio das Minas de Apiahy*. Gráfica Regional. São Paulo, SP. 226p.